

A LITERATURA INFANTIL NA ALFABETIZAÇÃO: a formação leitora da criança

Aline Lemes da Silva¹

Kalytha Rodrigues da Silva²

Lethícia Rafaelly Fernandes de Oliveira³

4. Alfabetização e Infância

Resumo: A presença da literatura infantil na escola não é algo novo, mas a sua importância como algo além de um mero instrumento pedagógico vem sendo bastante discutido, e isso se estende também à alfabetização. Esses momentos com o livro literário contribuem na formação leitora da criança. Diante disso, o objetivo deste artigo é identificar potencialidades da literatura infantil no processo de alfabetização. É uma pesquisa qualitativa realizada pela revisão bibliográfica. Entendemos a importância da escola, do professor e da família nesse processo de formar crianças leitoras. Podemos compreender a importância da leitura, cada autor, com suas palavras, buscam expor suas perspectivas a respeito da leitura, mas que no final se complementam ao afirmar que, ler é um ato importante, complexo e carregado de significações, tanto para quem lê, quanto para quem ouve. Ferreiro (1999, p. 47) afirma que “a alfabetização não é um estado ao qual se chega, mas um processo cujo início é na maioria dos casos, anterior à escola e que não termina ao finalizar a escola primária”. Atualmente, muitos professores ainda definem erroneamente o processo de alfabetização como sinônimo de uma técnica, a metodologia usada pelo docente é importante, já que pode influenciar nesse processo, a forma de condução do ensino é decisiva para o bom desempenho dos alunos. As crianças precisam ser incentivadas em seu processo de leitura, e o papel do professor é crucial, uma vez que pode despertar no aluno a busca pelo conhecimento de forma prazerosa, e não como uma mera atividade obrigatória.

¹ Graduanda em Pedagogia pela UFMT. Contato: Alineck9@gmail.com

² Graduanda em Pedagogia pela UFMT. Contato: Kalytha2000@gmail.com

³ Graduanda em Pedagogia pela UFMT. Contato: lethiciarafaelly13@gmail.com

Palavras-chaves: Alfabetização; Formação leitora da criança; Literatura Infantil; Professor; Escola;

1 INTRODUÇÃO

A aquisição de competências e habilidade de leitura fazem parte dos requisitos para que o sujeito possa adentrar na cultura escrita, exercendo sua cidadania e participação social. Sendo assim, a aquisição das competências leitoras é um processo que tem início desde a mais tenra idade e se prolonga durante a vida. Ser leitor é fundamental para o desenvolvimento intelectual do indivíduo. O ato de ler vai além da decodificação, mas uma leitura reflexiva e crítica. Infelizmente, temos uma leitura realizada somente na escola, de forma fragmentada, utilizando como recurso somente o livro didático. Isto, tem impactado estudantes de todos os níveis apresentando um analfabetismo funcional. O presente trabalho pretende identificar as potencialidades da literatura infantil para a aquisição da linguagem escrita e suas implicações no seu desenvolvimento. Os objetivos específicos foram: conceituar o ato de ler, apresentar os benefícios da leitura para o desenvolvimento da criança, a literatura infantil no processo educacional, seus benefícios e possibilidades e o papel do professor na formação leitora da criança. A pesquisa foi realizada pela revisão bibliográfica. Foram consultados artigos, livros, dissertações que abordam sobre a temática.

2. O ATO DE LER

Antes de adentrar na temática principal que é a literatura infantil no processo de alfabetização, acreditamos ser importante primeiro, definir o que é ler. Para isso trouxemos alguns autores importantes como (FREIRE, 1989), Foucambert (2008), Ferreiro e Teberosky (1999), Colombo (2009,), Soares (2003), para embasar na discussão dessa temática. Segundo o dicionário Aurélio (2014, p.463), ler significa “Percorrer com a vista (o que está escrito) proferindo ou não as palavras, mas conhecendo-as” ou ainda, “Perceber (sinais, signos, mensagem), contendo-lhes o significado”.

Ainda que na definição a leitura, se diz ocorrer por meio da língua, o ato de ler não se restringe apenas a palavra escrita, pois como Paulo Freire afirma “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” (FREIRE, 1989), diante disso, podemos compreender que a realidade da criança, irá ser um fator para qualquer aquisição de conhecimento. Paulo Freire recusou a leitura como um simples ato de decifrar palavras, sendo que o sentido já está previamente definido, e a traz como um ato político. Concordando, Foucambert (2008), afirma que ler algo possui um conceito mais complexo do que parece, por ser uma proposição tão básica. O autor

ressalta ainda que, “Ler algo, portanto, faz parte de um vasto jogo de poder, que se inicia no momento do aprendizado da leitura, isto é, na escola” (FOUCAMBERT, 2008, p.3).

No livro da Psicogênese, Ferreiro e Teberosky (1999), trazem os signos linguísticos como representante do significante e do significado das palavras. Afirmam que todo processo de comunicação se constitui de dois elementos básicos: um é a linguagem, a qual representa o sistema de sinais convencionais, ou seja, à noção de significado, um dos elementos dos quais o signo se constitui. A outra é representada por uma imagem gráfica, a qual se materializa por meio dos fonemas e, conseqüentemente, das sílabas, até formar a palavra, trazendo o que muitos estudiosos definem como "imagem sensorial" que é foneticamente apresentada e expressa. Resumindo, o significante é a imagem fonética da palavra, ou seja, sua representação sonora. Já o significado é o que se tem da palavra, a realidade que a palavra representa. Assim, ambos formam um signo, que se une a outros signos, compondo um sistema.

Na primeira etapa da educação básica, o foco é voltado para o ensino da leitura e da escrita, ou seja, alfabetizar as crianças. É nesse período que se inicia o incentivo à leitura despertando a imaginação e a interpretação da escrita. Nesse sentido, o processo de ensino da língua, seja oral ou escrita, deverá conciliar com o processo de aquisição natural da criança, pois a mesma chega na escola com conhecimentos prévios, que deverão ser aprimorados. A leitura se faz presente em todas as áreas na vida da criança, tanto na vida social quanto na vida “pessoal” de cada uma. A primeira instituição que a criança conhece é a família, que tem papel fundamental em incentivá-las no seu desenvolvimento intelectual e social, em segundo vem a escola onde a criança passa a se relacionar com outras crianças, e assim conhece um mundo diferente do que ela está acostumada e muitas vezes se encontra com dificuldades de socialização por falta de orientação adequada. Com os livros não é diferente, é sempre necessário que haja um incentivo por parte de todos que estão em seu convívio, sobre a importância dessa prática.

A partir dessa concepção, o próximo tópico expõe sobre a literatura infantil, e o objetivo educacional do qual este vem acompanhado em sala de aula.

3. LITERATURA INFANTIL: Na sala de aula

A literatura infantil surge a partir do século XVIII, período em que a criança começava a ser vista como criança, desde o seu início essa literatura apresenta um caráter educativo, somente futuramente se torna algo voltado ao deleite, como algo prazeroso. É importante compreender que antes, a criança participava da vida social adulta, inclusive usufruindo da sua literatura, pois havia a compreensão de que a criança era um pequeno adulto, em estágio

de ignorância, e que antes de se materializar em livros, a literatura infantil existia nas histórias de tradição oral.

A escola e a literatura criaram um elo muito importante, dessa forma, a literatura infantil está cada vez mais presente na escola, sendo um grande aliado de muitos professores. A muito, a trajetória histórica dessa literatura vem sendo associada ao universo pedagógico, pois inicialmente foi pensado como instrumento do ensino da leitura, focando apenas em seu uso como um recurso metodológico. Mas, pode ir além disso, esses podem ser usados para formar o gosto pela leitura e a formação leitora da criança, e o lugar onde isso pode ocorrer é dentro da escola, e esta precisa criar espaços favoráveis à aprendizagem.

Retomando alguns pressupostos da Teoria Histórico-Cultural, a criança irá se apropriar da linguagem, como objeto da cultura humana, por meio das muitas interações que lhe forem propiciadas com a linguagem. A literatura infantil, se configura como um objeto da cultura humana portador de linguagem escrita e, dessa forma, pode se configurar como um instrumento importante no processo de aquisição de leitura. Colombo (2009, pg. 73), traz Huck (1997, p. 10, tradução dele), e expõe que:

As experiências que as crianças têm com a literatura dão a elas novas perspectivas de mundo. Leitores sentem-se conectados com as vidas de outros enquanto eles entram numa situação imaginada com suas emoções entoadas por essas histórias.

Colombo (2009), traz também, que o ato de ler, o gostar da leitura, as preferências leitoras e todos os demais requisitos relacionados ao ato leitor, são fatores que se aprendem lendo, então, a construção do leitor é um processo que acontece tanto dentro, quanto fora da escola. Diante disso, podemos observar como a literatura vem a ser um importante promotor de conhecimento e desenvolvimento da criança. Iremos entender um pouco mais sobre esse momento a qual toda pessoa passa, ou, deveria passar, a alfabetização.

4. PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

Como exposto anteriormente, na primeira etapa da educação básica, o foco é voltado para o ensino da leitura e da escrita, ou seja. É nesse período que se inicia o incentivo à leitura despertando a imaginação e a interpretação da escrita. Nesse sentido, o processo de ensino da língua, deverá conciliar com o processo de aquisição natural da criança, pois a mesma chega na escola com conhecimentos prévios, que deverão ser aprimorados.

Ferreiro (1999, p. 47) afirma que “a alfabetização não é um estado ao qual se chega, mas um processo cujo início é na maioria dos casos, anterior à escola e que não termina ao

finalizar a escola primária”. Atualmente, muitos professores ainda definem erroneamente o processo de alfabetização como sinônimo de uma técnica, Mas a autora afirma que:

Há crianças que chegam à escola sabendo que a escrita serve para escrever coisas inteligentes, divertidas ou importantes. Essas são as que terminam de alfabetizar-se na escola, mas começaram a alfabetizar muito antes, através da possibilidade de entrar em contato, de interagir com a língua escrita. Há outras crianças que necessitam da escola para apropriar se da escrita. (Ferreiro, 1999, p.23)

De acordo ainda com Ferreiro (2000, p.29), tradicionalmente, as decisões a respeito da prática alfabetizadora têm-se centrado na polêmica sobre os métodos utilizados. Uma concepção da autora é que geralmente a metodologia utilizada pelos professores parte daquilo que é mais simples, passando para os mais complexos. Para Ferreiro & Teberosky (1999, p.18) a preocupação dos educadores tem-se voltado para a busca do melhor ou do mais eficaz dos métodos, levando a uma polêmica entre dois tipos fundamentais: método sintético e método analítico. Sendo o sintético, a correspondência entre o oral e o escrito, entre o som e a grafia, iniciando da parte para o todo, ou seja, da letra para a palavra. Já o método analítico insiste no reconhecimento global das palavras ou orações; a análise das partes se faz posteriormente. Ainda segundo as autoras, existem práticas que levam a criança às convicções de que o conhecimento é algo que os outros possuem e que só se pode adquirir destes, deixando, assim, de ser participante da construção. Algumas práticas levam a pensar que aquilo que existe para conhecer já foi estabelecido, como um conjunto de coisas que não podem se modificar. Há por fim, ações que levam a criança a ficar sem participar do conhecimento, como espectador ou receptor daquilo que o professor ensina. Ferreiro afirma que nenhuma prática pedagógica é neutra. "Todas estão apoiadas em certo modo de conceber o processo de aprendizagem e o objeto dessa aprendizagem" (2000, p.31). Afirma ainda que o professor não pode, então, se tornar um prisioneiro de suas próprias convicções; as de um adulto já alfabetizado. Para ser eficaz, deverá adaptar seu ponto de vista ao da criança. Uma tarefa que não é nada fácil" (Ferreiro, 2000, p.61). As crianças trazem suas concepções desde cedo. O aluno não é, e nem deve ser um sujeito passivo no processo de aprendizagem, mas sim ativo, desfazendo práticas pedagógicas, reafirmando a importâncias de que o processo de aquisição da leitura e da escrita seja algo interacional, que traga o mundo do aluno para a sala de aula e este o valoriza. Esse reconhecimento, gera no aluno uma motivação para aprender, e este é um importante indicador de aprendizagem, quanto mais uma pessoa estiver motivada, mais ela se dispõe em aprender, e possuem um melhor desenvolvimento em seu processo de aprendizagem.

5. O PROFESSOR E A FORMAÇÃO LEITORA DA CRIANÇA

Para Piaget, a leitura é uma reconstrução de um determinado objeto do conhecimento, pois segundo ele, dependendo dos espaços de socialização em que a criança vive, seu crescimento intelectual vai se desenvolver com base em seu domínio nos meios sociais, principalmente no ambiente escolar. E, é justamente neste momento que a metodologia usada pelo docente é importante, já que pode influenciar no desempenho dos alunos. Eles precisam ser incentivados em seu processo de leitura, e o professor pode despertar no aluno a busca pelo conhecimento de forma prazerosa, e não como uma mera atividade obrigatória. Diante disso tudo, Ferreiro e Teberosky (1999, p. 29) dialogam que:

O sujeito que conhecemos através da teoria de Piaget é aquele que procura ativamente compreender o mundo que o rodeia e trata de resolver as interrogações que este mundo provoca. É um sujeito que aprende basicamente através de suas próprias ações sobre os objetos do mundo e que constrói suas próprias categorias de pensamento ao mesmo tempo que organiza seu mundo.

Petit (2013), traz em seu livro um questionamento importante, como fazer um leitor? Ela desconstrói a concepção de construir leitores, apontando como a leitura pode ajudar as pessoas a se construírem. A mesma ainda expõe que: para que uma criança se torne mais tarde um leitor, é importante a familiaridade física precoce com os livros, a possibilidade de manipulá-los para que esses objetos não cheguem a investir-se de poder e provocar medo (2013. p. 35). Ela complementa dizendo que cabe ao professor conduzir os seus alunos a uma maior familiaridade na abordagem dos textos escritos, fazendo-o sentir que a necessidade do relato faz parte de quem somos, gerar encantamento e apreciação, mas para que esse professor possa transmitir o amor pela leitura, é preciso que este já tenha experimentado.

É preciso compreendermos, que alfabetizar a partir da literatura infantil, é uma forma de não dissociar a criança da realidade, mas criar contextos em que essa realidade possa ser reconhecida por ela. E que a formação leitora possui importantes características relacionadas ao entorno ao qual o indivíduo está inserido, para muitas crianças, o contato com materiais de leitura, em especial o livro de literatura infantil, só acontece com o início da vida escolar, momento esse de extrema importância para proporcionar experiências leitoras mais sistemáticas e ampliar o universo de material e informação, a qual era antes restrito à criança, apenas aqueles que se encontrava em casa ou nas ruas.

Em algumas escolas, a importância e o uso da literatura infantil acaba por ser equivocados. Ocorre uma grande tentativa de didatizar a literatura infantil, e isso ocorre muitas das vezes devido à má formação do professor em relação ao uso que se deve fazer dessa literatura na escola, ou mesmo sua ausência na prática escolar.

É importante aqui compreender, que não se trata de considerar a literatura infantil um instrumento, mas sim, pensar nela como um tipo de arte. Desse modo, o contato da criança com materiais de leitura desde cedo, é de suma importância, pois, por meio desse contato, é possível formar o gosto leitor, e, dessa forma, contribuir no processo de formação leitora da criança, e a literatura infantil, próprio para a criança, pode ser capaz de tornar esse contato mais prazeroso e proveitoso.

Diante disso, podemos compreender que a escola e principalmente o professor, assumem papéis importantes no processo de formação do leitor. O professor, como parceiro mais experiente da cultura humana historicamente construída, deve oferecer às crianças a oportunidade de experienciar situações em que o livro esteja presente, e, na infância, primar pelo contato com livros de literatura infantil.

Mas qual o benefício do uso da literatura infantil no processo de alfabetização? Por meio da literatura infantil, o professor pode abordar uma diversidade de temas, assuntos, além de proporcionar o contato da criança com diferentes gêneros textuais, não apenas a narrativa, devido a diversidade de obras que apresentam, sendo capaz de chamar e prender a atenção do pequeno leitor.

É importante ressaltar a importância do professor conhecer o nível leitor de seus alunos, isso para que possa pensar em atividades que eles sejam capazes de fazer, não gerando frustração e aborrecimento por não conseguir ler ou entender. Segundo Faria (2004), a capacidade de educadores para perceber a riqueza e a estrutura do livro de literatura infantil é uma das alternativas para não reduzir a literatura a uma abordagem meramente pedagógica. Explorar o livro infantil, sua narrativa, suas ilustrações, seu significado é um recurso que deve ser abordado com competência e criatividade. Para isso, o professor também precisa saber ser leitor, precisa estar preparado para formar sujeitos leitores, e isso significa na leitura diária do livro de literatura, na interpretação coletiva, feita com alunos e professor e no registro, que é a construção do sentido do texto. O esforço em escrever algo que se ouve, mediado obviamente pelo professor, leva à compreensão do velho e à possibilidade de criação do novo.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na sociedade contemporânea o pleno desenvolvimento da competência leitora é essencial para atuar com criticidade e ativamente diante das rápidas transformações e desafios. O mau desenvolvimento da leitura e da escrita na infância, gera consequências no percurso escolar, criando déficits de aprendizagem que prejudicam a formação integral.

Dessa forma, percebemos a importância desse processo na vida do indivíduo, e que formar leitores se torna algo fundamental. Podemos entender que é algo que envolve além da comunidade escolar, por mais que essa, principalmente o professor, tenha uma grande responsabilidade em mostrar esse mundo literário às crianças, gerando encantamento e aprendizagens que possam guiá-los por toda a vida.

7. REFERÊNCIAS

AURELIO. **O minidicionário da língua portuguesa**. 8º edição revista e ampliada do minidicionário Aurélio. Imprensa - março, 2014.

COLOMBO, F. J. **A LITERATURA INFANTIL COMO MEIO PARA A FORMAÇÃO DA CRIANÇA LEITORA**. Dissertação (Programa de Pós Graduação em Educação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São Paulo. Marília. p. 213. 2009

FARIA, M. A. **Como usar a literatura infantil na sala de aula**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

FERREIRO, Emilia. **Com Todas as Letras**. São Paulo: Cortez, 1999. 102p v.2.

FERREIRO, Emilia. **Reflexões Sobre Alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2000. 104p

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999

FOUCAMBERT. Jean. **Modos de ser leitor**: aprendizagem e ensino da leitura no ensino fundamental. Curitiba: Editora UFPR, 2008, p. 61-103

FREIRE, Paulo, 1921 - **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam** / Paulo Freire. – São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989. (Coleção polêmicas do nosso tempo; 4)

PETIT, Michéle. **Leituras: do espaço íntimo ao espaço público**/ Michéle Petit; tradução de Celina Olga de Souza. - São Paulo: Editora 34, 2013. (1º Edição). p. 168